



ILHA DE S. THOMÉ.

FRAGMENTO preciosissimo do nosso antigo poderio no ultramar, a ilha de S. Thomé, que com a do Príncipe, e uma pequena dependencia em Guiné (o forte de S. João Baptista de Ajudá) constitue a provincia do mesmo nome, pôde ser ainda uma das mais ricas possessões portuguezas, se fôr devidamente promovido e auxiliado o progresso que ali começa de manifestar-se.

A ilha de S. Thomé é situada no extremo meridional do golfo de Guiné: mede de nornordeste a susudoeste nove leguas de comprimento, pouco mais ou menos; na maior largura tem cêrca de seis leguas: a sua área está calculada em 270 milhas quadradas de 60 ao gráu.

Não é bem liquido quem fôra o seu descobridor; parece porém muito provavel que o descobrimento d'esta ilha, bem como o das do Príncipe e Anno-bom, se realisasse em 1470, ou principios de 1471, sendo devido aos intrepididos navegantes João de Santarem e Pero de Escobar.

O primeiro povoador d'ella foi João de Paiva, a quem el-rei D. João II doou a sua capitania em 24 de setembro de 1485, concedendo-lhe largos privilegios e isenções, como consta dos interessantes registos que existem no archivo nacional da Torre

do Tombo. Em 16 de dezembro do mesmo anno recebeu S. Thomé o primeiro foral, e em 11 de janeiro de 1486 foi concedida de *sesmaria*, ao referido João de Paiva, *metade da ilha*.

Alvaro de Caminha, a quem foi feita doação da ilha de S. Thomé por fallecimento de João Pereira, segundo donatario d'ella, em 29 de julho de 1493, parece ter sido o que déra maior impulso ao seu melhoramento e colonisação, e quem lançára os fundamentos da actual cidade de S. Thomé, no fundo da bahia de Anna de Chaves.

A tal auge de grandeza chegou esta fertil ilha, que se contaram n'ella 300 engenhos de assucar, como asseveram alguns escriptores e chronistas. Toda esta prosperidade sumiu-se com a nossa gloria e grandeza depois da fatal jornada de Alcacer-kibir.

Restaurado Portugal do jugo de Castella, S. Thomé não melhorou consideravelmente de situação; os nossos governantes, occupado o pensamento na famosa terra de Santa Cruz, hoje imperio do Brasil, pouco olhavam para as outras nossas colonias.

De desgraça em desgraça S. Thomé quasi que deixou de existir para Portugal; tal era a sua decadencia e miseria!

A capital da ilha é a cidade de S. Thomé, situa-

da, como já dissemos, no fundo da extensa bahia de Anna de Chaves, em uma baixa, ficando-lhe mui proximos alguns terrenos alagadiços, d'onde provém a sua pouca salubridade. Além d'esta povoação, que tem aliás um agradável prospecto, e alguns bons edificios, existem outras povoações de menos importancia como são; a de Nossa Senhora de Guadalupe, a villa da Magdalena, a villa de S. Anna, e a de Nossa Senhora das Neves.

A população é mui diminuta, pois não ascende a nove mil almas; e consta quasi exclusivamente de pretos e de poucos mulatos e brancos: esta mingua de gente, que é um dos maiores obstaculos ao melhoramento da ilha, poderia ser attenuada por meio de acertadas providencias da metropole, que tivessem por fim chamar ali a emigração açoriana: a ilha de S. Thomé está bem longé de ser inhospita, e possui os necessarios meios para o estabelecimento de uma excellente colonia.

Quando o sr. L. Lima escreveu os seus ensaios (1844) os rendimentos publicos da provincia de S. Thomé e Príncipe apenas chegavam para um terço da despesa légal; e a bandeira portugueza raro apparecia nos seus mares. Segundo porém as mais recentes informações officiaes a situação da provincia tem melhorado por modo tal, que a sua receita suppre completamente toda a despesa; grandes tractos de terra têm sido entregues a cultura; acham-se assentes alguns engenhos; e já se ali prepara excellente aguardente de canna, igual senão superior á do Brasil.

S. Thomé e Príncipe produzem primoroso café, assucar, cacau, gengibre, cannella, pimenta, algodão etc.; pôdem por consequencia alimentar um extenso e valioso commercio, cujo movimento é já mui importante.

Muitos dos melhoramentos, que se reconhecem em S. Thomé são em grande parte devidos áos esforços do opulentissimo negociante, residente em Lisboa, o sr. Manuel Pinto da Fonseca, que tem empregado um immenso capital no arroteamento de grandes terrenos, e em outros trabalhos igualmente importantes. Honra lhe seja!

Mas a ilha de S. Thomé não é só uma rica possessão, é tambem toda ella uma soberba paizagem; a natureza, em toda a magestade primitiva, apresenta n'aquelle fertil torrão quadros de uma formosura inimitavel; o famoso *Pico de S. Thomé*, toucado de nevoas, e vestido de luxuriante vegetação, é das cousas mais pittorescas que se conhecem; as arvores, as flores, as montanhas, as aguas cristalinas, o céu limpo, fazem ali a admiração do viajante.

A nossa gravura representa uma paizagem do interior da ilha, e por ella conhecerá o leitor que não fomos exagerados.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SEculo XV.

I.

VAMOS á luz da historia e da critica entrar na primeira parte do nosso trabalho, e recolher na antiguidade, até á queda do imperio romano no 5.º seculo da era christã, documentos que façam uma serie de provas, de que possa concluir-se sem escrupulo nem violencia, que então, não eram conhecidos nem o alto mar atlantico septentrional, nem as ilhas que os portuguezes n'elle descobriram no 15.º seculo.

Aos homens da sciencia e da litteratura perguntaremos, que idéa formavam da possibilidade da navegação d'este oceano; e tanto os geographos, que escreveram do mundo outr'ora conhecido; como os viajantes, que deixaram periplos ou relações de suas viagens; e poetas, que na descripção ou na fabula encarnaram os conhecimentos da sciencia do seu tempo; tudo será auxiliar, mais ou menos valioso, mais ou menos effcaz, para nos esclarecer.

D'este nosso primeiro periodo chronologico, que abrange quasi dous mil annos, poucos monumentos originaes geographicos nos restam: só exposições e excerptos, que se conservam nas obras de alguns compiladores, obviam aquella falta. A historia da geographia, no periodo que decorre de Alexandre Magno até Strabão, ser-nos-ia inteiramente desconhecida senão fosse a obra d'este ultimo, que suppre com summas o contexto das obras perdidas. Temos pois que ir com passo muitas vezes incerto, e sempre tremente, caminho de tantos seculos, de tantas theorias, de tantos systemas, de tantas confuzões scientificas, e tantas visões; mas sem nada desaproveitar caminharemos com fé! Historia, poesia, tradição vaga, cremos que tudo pôde igualmente servir com vantagem na discussão, quando se trata de buscar uma verdade atravez campo escuro e tenebroso de tantos erros. «Se em geral (como diz Malte-Brun) uma critica sã deve circumscrever os conhecimentos positivos dos antigos, tambem deve alargar o horisonte aos rumores vagos, ás tradições obscuras, que em todos os tempos têm sido precursores das noções exactas.»

No Genesis, dezeseis seculos A. C., é Moysés o primeiro que dá algumas noções geographicas precisas. Antes d'elle nada apparece digno de menção a tal respeito. A carta de Sesostris é tão problematica como suas viagens. Entretanto os livros de Moysés, e de seus successores, em que está encerrada a sciencia dos hebreus, dos phenicios, dos arabes, e de outros povos da Asia occidental, não vão além da geographia d'esta parte do mundo.

Homero, cêrca de onze seculos A. C., tem pouco mais ou menos as idéas do seu seculo. Seus poemas encerram os primeiros elementos da geographia dos gregos. A' sua luz é facil percorrer toda a esphera dos conhecimentos, das tradições, das fabulas espalhadas pela Grecia e Asia menor. O mundo que conhecia, sobre ser circumscripto e acanhado por todas as partes, não passava ao occidente do termo do Mediterraneo, e entrada do oceano de que pouco sabia, e além da qual diz que o mundo termina em duas regiões (evidentemente fabulosas) a das Trevas, e a do Elysio. Homero é o primeiro que falla de uma ilha encantada no oceano, chamada Ogygia. Calypso filha de Atlas reinava n'ella.

A viagem dos argonautas, que a estes remotos tempos se refere, é tida como ficção poetica por todos quantos hão tratado da geographia dos antigos. Quando porém assim não fosse, dizendo-se effectuada atravez da Africa até ás margens do Mediterraneo, nenhuma relação podia ter com o grande mar exterior.

A viagem de Hannon, general carthaginez, segundo o calculo de Gossellin, remonta a cem annos A. C. A lição do periplo de Hannon, mandado pela republica de Carthago sair do Mediterraneo para o oceano, e ir costa-costa estabelecer na Africa occidental colonias carthaginezas, (depois de apurada a verdade d'esta expedição) só importa conhecimento e exploração da parte das costas africanas ao sul das columnas de Hercules, e nunca o menor conhecimento do alto mar atlantico. Hannon só falla da

ilha Cerné, e Gorilhas (embocadura do rio Não), immediatas á costa africana. Por não attender ás condições de demarcação, que Hannon assigna a Cerné nas proximidades das costas continentaes, commetteu Luiz Marmol um grande e extravagante erro vinte seis seculos depois, dizendo ser aquella ilha alguma das dos Açores! Se os carthaginezes estabeleceram colonias até aos limites meridionaes da Mauritania, nem assim, segundo se infere do periplo de Hannon, conheciam n'aquelle tempo sequer as ilhas Afortunadas. Entretanto, a proximidade relativa d'aquellas colonias ás ilhas Canarias, deixa entrever, que talvez aos carthaginezes foram devidas as noções vagas, que de ilhas oceanicas começaram por então a vogar no continente, sobre o que se fundaram e popularisaram fabulas mui arrojadas.

Hesiodo, quasi dez seculos A. C., é de entre os gregos o primeiro que tem alguns dados sobre a existencia do oceano occidental, em cujas bordas põe a habitação das Hesperides, e das Gorgones. Não o sabe por descobertas feitas por seus compatriotas, porque só tres seculos depois é que um grego de Samos foi contra vontade impellido pelos ventos para além das columnas, segundo o testifica Herodoto. Se pois não podia Hesiodo aprender na experiencia dos seus naturaes, foi sem duvida em relação estrangeira, e porventura na do carthaginez Hannon, que viu as primeiras cousas do mar atlantico. As suas ilhas Gorgones são evidentemente as Gorilhas de Hannon. Uma historia chamou outra; uma fabula gerou outra fabula; e de uma mesma ficção reconhecemos nos antigos, que Gorilhas e Gorgones foram por seu turno derivadas. É claro que da tradição carthagineza de Hannon, que puzera as suas ilhas immediatamente fronteiras á costa africana, nasceu a grega de Hesiodo, que põe as Gorgones a dous dias de viagem do continente. N'estas fabulas param as primeiras noções ditas positivas, que os gregos herdaram dos carthaginezes, sobre navegação, e existencia do oceano e terras occidentaes.

Scylax, mais de cinco seculos A. C., escreveu pelo tempo da guerra do Peloponeso um periplo composto das viagens dos navegantes do seu tempo, mas nada acrescenta a Hannon, cujas pisadas claramente segue, inda que falseando-o e desfigurando-o a miude. O que de tal collecção resta não alcança pela costa occidental da Africa mais do que até á altura da ilha Cerné; e mostra que do atlantico formava a idéa, que facilmente se deduz d'estes seus proprios termos: «Mais longe não é o mar navegavel, por causa da sua pouca profundidade, lodo, e quantidade de algas de que está cheio.»

Nem porque Herodoto, cinco seculos A. C., visitou Tyro, cidade importante do seu tempo, onde a geographia era praticamente sabida pelas incessantes e aventurezas viagens dos phenicios, mostrou ter do mundo conhecido então noções mais precisas. Da Asia conhece até á India, porém diz, fallando do espaço oriental: «Mais a leste se estendem paizes desertos, a respeito dos quaes ninguem saberia dizer cousa alguma.» Sobre o occidente da Europa e da Africa a mingua e incerteza de seus conhecimentos são extremas; o que bem prova que tendo os phenicios ou seus colonos, como é sabido, noções mais positivas sobre estas regiões, pois que n'isso já o segredo da propria grandeza, as esconderam do grego pae da historia. Se assim não fosse, a incerteza de Herodoto provára então a geral ignorancia do seu tempo sobre as extremidades occidentaes do velho mundo, e sobre o atlantico, que além d'elle se estendia.

De idéas confusas de um paiz rico e fertil, situa-

do nas extremidades occidentaes da terra, nasceu a antiga tradição que lá punha ilha, ilhas, ou lugar mais vantajosamente situado que todos os outros; lugar de felicidade, porque suspiravam incessantemente, mas que em nenhuma parte achavam, e por isso iam successivamente transferindo aos confins mais remotos, á proporção que as explorações geographicas progrediam. Assim foram as ilhas dos Bemaventurados, as Afortunadas, o Jardim das Hesperides correndo successivamente logares novos, desde as vizinhanças do Egypto até ás costas do atlantico, em que por fim se fixaram nas Canarias, ultimo termo das descobertas occidentaes dos antigos. Tudo induz a crer que Platão, quasi quatro seculos A. C., na sua volta do Egypto trazendo a noticia de uma ilha atlantica, foi o primeiro que a espalhou pela Grecia, parecendo-lhe cousa tão nova e desconhecida para os gregos, que a aproveitou para thema de suas especulações moraes e politicas. Eis como elle conta no seu dialogo *Timeo* a victoria que os athenienses obtiveram dos reis da ilha Atlantida; onde demorava esta ilha; e como um tremor de terra a submergira. «Aqui se acham por escripto muitos actos louvaveis e virtuosos feitos por a vossa cidade; mas um ha entre elles que excede todos os outros, a saber: quando a vossa cidade sósinha resistiu ao possante e admiravel exercito, que vinha do mar atlantico invadir a Europa e a Asia a um tempo. Porque então era aquelle mar navegavel, e tinha diante do estreito, que vós chamaes Columnas de Hercules, uma ilha, que dizem haver sido maior que Asia e Africa juntas. Pelo que era facil vir ás ilhas proximas, e d'estas a toda a terra firme opposta...

«N'esta ilha Atlantida houve muitos grandes e poderosos reis, que tiveram na sua obediencia toda a ilha, possuiram muitas outras ilhas adjacentes, e parte da terra firme: conquistaram o paiz da Iybiá até ao Egypto; da Europa até á Toscana e Sicilia; e depois, reunindo suas forças, emprehenderam com um commum esforço invadir o nosso paiz, e o vosso, e subjugar quanto está áquem do estreito. Então conheceram todo o mundo o poder da vossa cidade, a qual como fosse mais valorosa e experimentada em cousas de armas, conduziu primeiramente as outras gregas á guerra, as quaes pouco depois a desampararam na indigencia; de tal fórma que foi estrangida a sustentar por si só vigorosamente as forças d'estes grandes reis, e finalmente os venceu em batalha, erigiu o trophéu da victoria, impediu por este meio que os que inda eram livres fossem submettidos, e deu a nós outros que habitamos áquem das Columnas de Hercules nossa plena liberdade. Mas algum tempo depois, sobrevindo grande tremor de terra, e inundação de aguas, em um dia e uma noite calamitosa, enguliu a terra tudo o que havia em nosso bellico paiz, com as outras bellas cousas que tinheis; e foi a mesma ilha Atlantida submergida, pelo que ficou este mar inacessivel e innavegavel, por causa do lodo da ilha assim abysmada como dito é.» Agora seja-nos licito, sem levar mão d'este objecto particular, dar margem á critica d'elle. Muitos escriptores, fascinados pelo conto maravilhoso do philosopho grego, têm consumido tempo baldado á cata de razões de coincidência physica, e possibilidade da existencia do vasto territorio sonhado por Platão. Bory Saint-Vincent, no seu *Essai sur les îles Fortunées*, até conclue que as ilhas portuguezas do atlantico septentrional são as partes mais elevadas da grande ilha submergida; e Carli, nas suas *Lettras Americaines*, discutindo acaloradamente a possibilidade da existencia do perdido continente, nem assim pôde aproximar de nós o facto fatal, de mo-

do que entronque nos tempos historicos, e apenas chega a concluir que fôra possível antes da descoberta do ferro, da escripta litteraria, e do uso da moeda, isto é, cêrca de tres mil annos A. C. Será conveniente registrar n'este logar o que a respeito da Atlantida e de Platão escreveu o sabio geographo francez Malte-Brun. «Estas noções (sobre a ilha do oceano para a qual se dizia que os carthaginezes emigravam) tinham mesmo chegado ao Egypto, d'onde Platão as levou á Grecia, revestidas do colorido do seu estylo poetico. Entretanto elle não está bem de acôrdo consigo mesmo a respeito da grandeza d'esta ilha Afortunada: ora a Atlantida é uma terra do oceano occidental, maior que Asia e Africa tomadas juntas, situada em frente da entrada do estreito de Hercules (in *Timæo*); ora não passa d'uma ilha de tres mil estadios (in *Critias*); e sempre uma das mais bellas e fertéis regiões do universo. Produzia grande quantidade de vinho, de grãos, legumes, fructos exquisitos de toda a especie; tinha vastas florestas, pastagens abundantes, minas de diversos metaes; em uma palavra tudo o que pôde servir ás necessidades e aos gosos da vida. Governo admiravel fazia ali florescer o commercio. Toda a ilha, dividida em dez reinos, era governada por outros tantos reis, descendentes todos de Neptuno, e que entre si viviam em perfeito acôrdo, ainda que independentes uns dos outros. Tinha a Atlantida muitas grandes cidades, com grande numero de villas e aldêas, mui populosas: n'ellas se viam portos onde vinham continuamente mercadores de diversos paizes, e que estavam munidos de arsenaes ou armazens para a marinha, fornecidos abundantemente de todas as cousas necessarias á construcção e equipamento das fro-tas nacionaes. Neptuno era não só pae e legislador, mas ainda a divindade principal dos atlantes: tinha na ilha um templo de um estadio de comprimento, de tres geiras de largura, e de altura proporcionada: ouro, prata e marfim brilhavam de todas as partes sobre as paredes e ornatos d'este grande e soberbo edificio. Entre diversas estatuas que lhe serviam de ornato, tornava-se notavel a do deus, que era de ouro, e tão alta que tocava no tecto. Os descendentes de Neptuno, diz-nos ainda o mesmo philosopho (Platão), reinaram de paes em filhos n'esta ilha espaço de nove mil annos, e á força de conquistas levaram longe sua dominação. Subjugaram as ilhas vizinhas, toda a Africa até ao Egypto, e Europa até á Tyrrenia. A propria Grecia não escapou a suas incursões; mas o valor atheniense os repulso. Emfim esta nação guerreira, depois de ter feito o seu nome celebre no mundo, desapareceu de repente: uma inundação consideravel, causada por um tremor de terra, enguliu n'um dia e n'uma noite a vasta região que ella habitava. É sobre uma relação tão incerta, relação que muitos sabios olham como fabulosa, que os modernos levantaram a hypothese de uma descoberta da America pelos carthaginezes; como se Platão, abysmando a sua ilha no fundo do oceano, os não dispensasse de lhe procurarem a posição, ou seja em America, como já o têm feito, ou seja na Asia como pretendeu um sabio entomologista (*M. Latreille*...). Outros (*Bory Saint-Vincent*...), tomando ao pé da letra a relação do philosopho atheniense, procuraram engenhosamente demonstrar a possibilidade da desaparição subita d'esta celebre Atlantida.» Gosselin, o grande sabedor de geographia antiga, concorre com o poder da sua opinião a desterrar, como Malte-Brun, a ilha de Platão para a região das chimeras. O seu testemunho sobeja-nos para provar, que as noções que o philosopho grego nos transmite sobre a grande ilha

Atlantida são extra-historicas e inverosímeis, não podendo por isso mesmo prejudicar em cousa alguma a nossa proposição, de que os antigos não conheceram o alto mar Atlantico. «Uma ilha, escreve Gosselin, descoberta (*pelos antigos*) mui vizinha do Atlas, mal podia deixar de tomar o nome de Atlantida, como já tinham chamado Atlantico o oceano em que ella estava. Para dar idéa de um governo poderoso, e de um povo rico e numeroso, ali põe Platão os atlantes, a quem governam reis justos e moderados na origem, injustos e conquistadores depois, inda que sua ilha e seu dominio fossem já maiores que a Africa e Asia tomadas juntamente. Pôde lêr-se a descripção d'ella em dous de seus dialogos (*Timeo*, e *Critias*) onde as fabulas mais frivolas estão mescladas com alguns raciocinios sobre as revoluções phisicas do globo, e governo dos povos. Ahí se verá uma cidade a triplice circuito de arame, estanho, e oricalco, tão resplandecente como o fogo; um templo coberto de ouro; estatuas colossaes do mesmo metal; banhos, gymnasios, hyppodromos, todo o luxo da Grecia, todos os embellesamentos que uma imaginação brilhante e romanesca lhe podia prestar. Seria afastar-nos por muito tempo do objecto de nossas investigações, demorarmo-nos a mostrar, não a futilidade d'estes vãos promenores, mas a multidão de inverosimilhanças, de disparates, que Platão espalhou na sua relação, e todos os desvios em que têm caído os escriptores modernos, buscando indicar o logar da ilha phantastica, creada pelo philosopho d'Athenas, que tivera o cuidado de a abysmar no fundo do oceano, para que depois d'elle não a achassem mais. Crê-se mesmo entrever, que teve pena de ter dado á sua Atlantida a immensa extensão que dissemos: ao menos parece no *Critias* reduzi-la de um golpe a um quadrilongo de tres mil estadios sómente, cêrca de oitenta e sete leguas. Mas este prodigioso sacrificio nem assim espalhou mais verosimilhança na relação de Platão: seus contemporaneos não creram n'isso nunca. . . .»

Sem estendermos mais a discussão critica da verdade da Atlantida, parece-nos que todos convirão forçosamente em que, a ter existido (o que não é facil de crer) com sua remotissima subversão se varreu da memoria dos homens o trato de terras occidentaes, desde que ha noção historica até ao seculo 15.^o em que recomeçou, como de origem. (*Continúa.*)

JOSÉ DE TORRES.

O CONSCRIPTO.

Em quanto descobriu no horisonte o campanario da sua freguezia; em quanto foi seguindo os mesmos campos, e vendo as mesmas flôres, não avaliou Ivan toda a extensão do sacrificio que fizera; mas quando aos alegres pomares se foram substituindo vastos vinhedos; ás fazendas defendidas por ligeiras sebes extensas terras de pão; ás cabanas de pedra cobertas de colmo grandes casas de telhados pintados de vermelho, então esmoreceu de todo, e conheceu que estava sósinho no mundo.

No regimento teve de adoptar novos habitos; a vida passava-a entre exercicios enfadonhos e ocios mal aproveitados. Misturado com individuos que não conheciam a Bretanha, sua patria, que nem entendiam o seu dialecto, Ivan vivia n'um isolamento cada vez maior. Em breve a tristeza, que procurava disfarçar, o envolveu em uma atmosphera pezada, que o abafava; tudo o enfadava; e uma intensa nostalgia o levou ao hospital, onde o repouso pareceu aggravar-lh'a.

A doença de Ivan ia cada vez a mais; as forças abandonavam-no visivelmente. Semelhante a um phantasma, passeando pelos corredores da enfermaria, seguia sofregamente com os olhos a avesinha que atravessava o espaço, ou contemplava os musgos que vestiam a velha parede. É que as flôres, a verdura, as aves, fallavam-lhe da sua aldêa!

Uma vez, ao descaír da tarde, estava elle sentado em um banco, a scismar como de costume.

De repente os sons de uma gaita-de-folles lhe chegam aos ouvidos modulados em um gracioso *estyllo* da sua terra. O pobre conscripto, desorientado pela alegria, ergueu-se de um pulo, e correu á porta do corredor; estava fechada; dirigiu-se a uma janella; a rua estava deserta e só.

Desconsolado voltou para o seu banquinho: aquillo fôra um sonho delicioso apenas; pelo menos assim o julgou. Passados porém poucos minutos appareceu o enfermeiro com uma carta para elle. Como Ivan não sabia ler, pediu-lhe que lhe dissesse o que continha.

Era do tabellião, e escripta em nome de seus paes, que communicavam ao mancebo a mudança que tivera logar na sua situação, em consequencia de uma herança. Com o seu producto haviam assoldado dous moços, comprado uma junta de bois, e pago todas as dividas: todos finalmente se considerariam muito felizes, a não ser a ausencia de Ivan.

Marker escutava, sem pestanejar, a leitura da carta, e quando o enfermeiro a terminou, sentiu como um balsamo delicioso entornar-se-lhe sobre o coração. Depois pegou na carta, e poz-se a miral-a muito soffrego, como se ella pudesse representar-lhe ao vivo a felicidade dos seus, que era obra sua. Operou-se nelle uma benefica revolução; em sua simplicidade, imaginou que aquelle conhecido *estyllo* tocado na gaita-de-folles fôra a voz da sua terra, a celebrar a alegria daquelles que amava.

Agora sabia ao menos que o seu sacrificio não fôra inutil; a recompensa tinha-a na preciosa carta.

Esta idéa fez-lhe um choque, que o arrancou á melancolia que lhe minava a existencia. Queria vi-

ver agora, para tornar a ver aquelles a quem fizera felizes. As forças restaurou-lh'as a esperanza.

Um grande pensamento lhe occorreu tambem ao espirito. A carta que recebêra tinha-lhe ensinado praticamente quanto pôde a escripta; resolveu-se pois a seguir a escola do regimento.

A aprendizagem foi-lhe difficil; a memoria tinha-a rebelde, e a intelligencia haviam-lh'a embotado muitos mezes de intinuo padecer moral, mas a final sempre pôde habilitar-se a lêr e escrever soffrivelmente.

O seu procedimento exemplar, tornando-o distincto entre os camaradas, recommendou-o aos seus superiores, e Marker subiu os primeiros degraus da hierarchia militar. Assim se foram passando os annos; tinha saudades ainda é verdade, mas alimentava-o uma esperanza, e essa estava prestes a realisar-se.

E não tardou de feito; Marker recebeu a sua baixa, e pôde alegre retomar o caminho da-aldêa.

A sua impaciencia cresce á medida que se lhe vae aproximando; alonga as jornadas, descansando só o tempo indispensavel; finalmente chega o desejado termo, quando dá com os olhos no tecto paterno não pôde conter-se, e larga a correr para o casal! As creanças amedrontadas das suas compridas barbas, fogem espavoridas; sua irmã recuou até a parede, assustada; sua mãe, essa estremeceu ao som de uma voz que não pudera nunca esquecer. Quando os outros hesitam, ella corre á porta, estende os braços, e profere o nome de Ivan. Já pôde morrer descansada!

Na lenda singela, que o lapis de Bellangé reproduziu com tanta verdade, o pobre do mancebo, arrancado pela dedicacão filial e pela lei ás alegrias do lar domestico, pode recolher o fructo do seu ignorado sacrificio. Mas quantos, depois de um desconsolado viver, não vão finar-se nos hospitaes, ou perecem nos campos de batalha, victimas de uma causa, que nem sempre é a sua, sem que mãos amigas lhe cerrem piedosamente os olhos? Quantos não terão amaldiçoado a instituicão, que os roubou aos seus casaes, e ás suas familias? Quantos não terão considerado as armas, preconisado emblema de honra e gloria, como cruz de martyrio?



A BAUNILHA.

A PLANTA que produz a baunilha tem este mesmo nome; os botanicos chamam-lhe *Epidendrum vanilla*; pertence á familia das orchideas, tão rica em

vegetaes de florescencia singular e aroma delicioso. O perfume da baunilha procede das siliquas compridas e estreitas que se seguem ás suas flôres. Os me-

xicanos, que faziam della grande uso para aromatizar o seu alimento predilecto, o chocolate, chamavam-lhe em sua lingua *Tlilxochitl*; foram elles que fizeram conhecer-lhe as propriedades aos hespanhoes.

A baunilha, cultivada em ponto grande no Mexico e no Brazil, cresce no estado silvestre em as florestas virgens das regiões tropicaes do novo continente. Tem algumas vezes a raiz no solo; mas na generalidade dos casos vive como planta parasita á custa das grandes arvores, a cujos troncos se apega pelas radiculas, pendurando-se-lhe depois dos ramos em graciosos festões.

A baunilha dá flôr somente uma vez cada anno, como todas as orchideas, de que algumas aliás não florescem todos os annos; mas a sua floração é mui prolongada, bem como a colheita das siliquas, que se desenvolvem successivamente. O aroma da baunilha, tão agradável ao gosto como ao olfato, é devido á presença do acido benzoico que se observa muitas vezes crystallizado em tenues grumos brancos na superficie das siliquas. Deve muito ás preparações a que é sujeita depois de apanhada, e aos processos de conservação, que contribuem poderosamente para desenvolver o seu aroma e sabor.

Ha um facto mui notavel na historia da baunilha, e é que os mexicanos, o primeiro povo que se servira della, renunciaram inteiramente ao seu uso, continuando aliás a cultivá-la em grande para o commercio de exportação. Hoje os mexicanos estão de tal sorte convencidos de que a baunilha é nociva á saude, e consideram-na como uma causa tão infallivel de gravissimas affecções nervosas que não ha nada que os resolva a aromatizar com ella o seu chocolate, ou qualquer outro alimento. Parece que tomaram tedio á baunilha desde que os hespanhoes seus dominadores lhe apreciaram as qualidades e adoptaram o emprego.

As propriedades excitantes da baunilha, em despeito dos prejuizos, que as fazem considerar como perigosas pelos mexicanos, não tem nada realmente de nocivas: é certo porém que a baunilha é uma das boas cousas de que se não deve abusar. A baunilha é algumas vezes rara, e por este motivo, de um preço bastante elevado no commercio; outras porém apparece muito em conta. Estas variações procedem da irregularidade da producção, entregue em grande parte ao acaso.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre terros cantei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

II

Com o pé sobre o convex do navio, e a alma affogada em lagrimas, apenas embarcado o poeta debruça-se para enviar á patria um longo adeus:

Amiga patria minha e lar paterno!
Penates a quem rendo um culto interno!
Lacrimosos parentes,
Qu'inda na ausencia me estareis presentes!
Adeus! Um vivo ardor de nome e fama
A nova região me attrahe, me chama!

Luctando no coração a ternura de amante e a ambição de gloria, a dor da ausencia exhala-se-lhe do peito na affectuosa despedida ao amor, cuja imagem o acompanhará pelas solidões do mar:

Deixar amado bem, teu rosto lindo,
Teus affagos deixar, tua candura,
Tanto me opprime, que da morte escura
Sobre mim negras sombras vem caíndo.

Eu parto; e vou teu nome repetindo
Porque dê desaffogo á magua dura;
Meus tristes ais, suspiros de amargura
Áquem dos mares ficarás ouvindo.

Mas se me cercam, no cruel transporte,
Quantas furias o Baratro vomita,
Se meu mal é peor que a mesma morte,

O fado em me aterrar em vão cogita!
Com todo o seu poder, não pode a sorte
Tua imagem riscar desta alma afflicta!

A' medida, que a prôa ía cortando as ondas, e as costas desapparecendo á vista, a melancolia estendeu um véu sobre a sua alma, aafiando-lhe a saudade. A tempestade veio depois experimentar-lhe o animo. Naturalmente religioso o espirito de Elmano levanta-se então em um cantico para Deus, e põe nelle a sua esperanza. Que bellas paginas de ardor e de crença não são os dous sonetos, escriptos ao clarão dos relampagos, e por entre o bramido das aguas, durante as amarguras do naufragio eminente! A commoção do perigo, o gemido da fraqueza humana submergida quasi nos terrores do abysmo, e saudando no Creador a magestade dos elementos, como se retractam fielmente nelles!

Ó Deus, ó rei do céu, do mar, da terra.
Pois só me restam lagrimas, clamores,
Suspende os teus horrisonos furores
O corisco, o trovão que tudo aterra!

Para nós, compassivo, os olhos lança!
Perdôa ao fraco lenho! Attende ao pranto
Dos tristes, que em ti põem sua esperanza!

Ás densas trevas despedaça o manto!
Faze, em signal de proxima mudança,
Brilhar no ethereo tope o lume santo!

Depois a invocação sublime, por que rompe o segundo soneto:

Filho, espirito e pac, tres e um somente,
Que extrahiste do cahos, do pó, do nada,
O sol dourado, a lua prateada,
O racional e irracional vivente:

Eterno, justo, immenso, omnipotente,
Que occupas essa abobada estrellada;
Grão ser de cuja força illimitada
A machina do mundo está pendente:

Tu que, se queres, furacão violento
Sumatra feia, tempestade escura
Desatas, e subjugas n'um momento;

No fim dos trabalhos de uma navegação penosa,
Bocage chegou a Gôa; e entrou nas regiões tão sus-

piradas dos sonhos da sua imaginação. A realidade esperava-o; e com ella os dissabores mais proprios para se pungir um character exaltado e impaciente.

Dos Albuquerque, dos Castros e dos Gamas nem a sombra! Apagava-se tudo no crepusculo da decadencia progressiva. Aquelles mares, theatro das proezas de Duarte Pacheco e de tantos capitães, que o temor dos vencidos denominou leões das aguas, estavam quasi solitarios de navios portuguezes; e a guerra heroica fôra convertida nos enredos e pequenas rixas dos governantes com os governados. As cousas e os homens na Asia, assim como em Portugal, tinham perdido a estatura epica. A vaidade das fidalguias, as conjurações venenosas das raças naturaes, e a barbaridade litteraria de um verdadeiro bazar de mercadores e pilotos, substituiam as virtudes e os rasgos da primeira epocha da conquista.

A degeneração da antiga estirpe ainda correu mais rapida, do que previa Diogo do Couto. Dos semi-deuses, que fizeram a sua gloria, a India apenas guardava os retractos! O resto não havia hombros que pudessem com elle. A mais leve empresa de outro tempo sepultaria então os descendentes dos conquistadores. Uma ou outra acção illustre; alguma batalha ganha sobre este ou aquelle reguló mais atrevido; e a honra das quinas sustentada pelas baterias das charruas contra os piratas malaios; era tudo o que se desejava, e o mais que se conseguia. As armas calavam-se; mas não fallava a civilisação; o esforço do Marquez de Pombal ficára no primeiro impeto, e perdido o ministro a melhora caiu com elle. O silencio, que Elmano encontrou desde os prezidos até á capital vinha do turpor de um povo, cuja memoria dormia com o passado, cujas aspirações agonisavam com o presente. De 1785 a 1786 a espada na bainha figurava só nas paradas e nas reuniões. A fortuna procurava-se de rastos. Ha muito que as aguias tinham deixado de voar!

Eis o espectáculo, em que os seus olhos esmoreceram, eis a sociedade que existia, em logar da raça escolhida, pura visão da phantasia! Mercadores, em vez de guerreiros; em logar da gloria, os odios e as miserias de cubiças e orgulhos baixos! Nada grande, nada que repetisse um echo debil ao menos da India de Camões! Era tudo prosa mais villan e rasa, mais grosseira, do que a que deixava.

O effeito da realidade sobre a imaginação de Bocage foi acabrunhador. Em quanto durou o desterro o seu espirito nunca se levantou de tamanha queda. As margens do Ganges, povoadas por elle desde a infancia de tantas tradições sublimes, amadas pelo seu coração de poeta, quasi a par do risonho Tejo, debalde a Musa chorosa quiz erguer o canto. Estava entre Getas, entre barbaros, mais duros que o marmore á seducção dos versos! A ignorancia loquaz e a sordidez mercantil riam-se das artes, e tratavam-nas com desprezo. Mirrada pela avareza, a mão dos Nababos, entumecidos com inventadas genealogias, nunca enchugou os prantos do expatriado, nunca se abriu para minorar as injustiças da fortuna.

De toda a parte o cortavam saudades acerbas do seu berço e dos amigos que tinhã longe. Na quadra em que as illusões reverdecem e os sentidos se abraçam facilmente, os pezares da ausencia, e as inquietações do ciúme, aggravando-se talvez de lembranças amorosas, convertiam os desgostos e o influxo do clima em uma verdadeira nostalgia. Ao mesmo passo a sensibilidade irritavel, e o resentimento do infortunio, azedando-se no peito, e acerando o engenho satyrico, desaffogavam-se em versos implacaveis pelo escarneo e mordacidade contra os preconceitos e a philaucia dos habitantes. Com isto cresceram os ini-

migos, e ullulando de raiva com as teridas, nada pouparam para tornarem a posição de Elmano cada dia menos supportavel.

De feito deviam ser pouco agradaveis á vaidade dos fidalgos-piães de Gôa os sonetos com que Bocage os flagellou; e não admira, que o tomassem em aversão, e por todos os meios tentassem desaffrontar-se. Era imprudencia pelo menos da parte do poeta o arrebatado furor a que cedia. Vejam-se alguns dos mimos com que os obsequiava:

Eu vim e'roar em ti minhas desgraças,
Bem como Ovidio misero entre os Getas.
Terra sem lei, madrasta de poetas,
Estuporada mãe de gentes baças!

Tens filhos, antes cães de muitas raças,
Que não mordem com dentes, mas com tretas.
E que impingir-nos vem, como a patetas,
Gatos por lebres, ostras por vidraças!

E n'outra parte

Das terras a peor tu és ó Gôa,
Tu pareces mais ermo que cidade.
Mas alojias em ti maior vaidade
Que Londres, que París, ou que Lisboa.

São pinturas, que não deixam nada a desejar á satyra; e que a ira de Elmano era incansavel em variar! Imagine-se a cholera e o despeito das victimas: além do mais, provocadas em pontos delicados de honra pelo comportamento leviano do poeta com senhoras distinctas, a quem o melindre e as graças do sexo não salvaram sempre das settas da sua maledicencia.

As provocações chegaram a tal auge, que os offendidos, muitos e poderosos, resolveram-se a tentar tudo para tirarem completa vingança; as esperas e as cilladas multiplicaram-se; e a vida de Bocage mais de uma vez correu eminente perigo. Parecida em tudo á do auctor das Lusiadas, a sua sorte inspirou-lhe o soneto, que principia:

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!

A estas inclemencias, filhas umas da adversidade, procedidas outras de erro proprio, accresceu a conspiração tramada para assassinar a todos os portuguezes, a qual foi descoberta felizmente antes de romper. Bocage acabava então de penar uma longa e aguda enfermidade, que ameaçou cortar-lhe os dias. Dando baixa do serviço militar, por motivos pouco averiguados, saiu de Gôa, e emprehendeu uma viagem, em que alguns biographos viram só a inclinação de visitar os sitios mais famosos da conquista, e outros a obediencia ás ordens do governo, e uma deportação forçada.

A ultima conjectura é a que se figura mais provavel, attentas as circumstancias em que se tinha collocado. Não contente com o rancor dos habitantes, suppliciados nos seus versos, a indole irascivel e as propensões satyricas de Elmano levaram-no a pôr o alvo dos seus tiros na pessoa do capitão-general D. Frederico Guilherme de Sousa, ferindo-o no lado mais sensivel com o poema obsceno, *A Mantiqui*. Esta injuria atroz contra a amante do governador, conhecido o genio vingativo deste, não parece possivel que ficasse impune; por isso não será nada te-

merario attribuir a saída de Gôa a uma causa tão natural.

A epocha da viagem a Macau pôde fixar-se nos fins de 1788 e principios de 1789, visto ser ali composta a elegia á morte do principe D. José, fallecido a 11 de setembro de 1788. Ignoramos porém se foi á ida, ou na volta, que fez naufragio, e como Camões, salvando-se a nado, arrancou ás ondas as poesias, das quaes estampou algumas no primeiro tomo das suas rythmas.

Ardendo em saudade e em desejos de volver á patria, deveu ao governador interino de Macau, o desembargador Lazaro da Silva Ferreira, os soccorros necessarios. Em memoria deste beneficio dedicou-lhe a saphica:

Ao som confuso da celeuma os nautas;

em que o immenso jubilo de acabar o desterro trans-
luz nestas apaixonadas vozes:

Eu torno, eu torno, por amor guiado,
Exposto á furia dos tufões, dos mares
Eu torno; eu torno para vós; ouviu-me
Jupiter alto!

Em agosto de 1790 beijava outra vez a terra do seu berço, na idade de 24 annos, demittido do posto, e sem bens de que vivesse! «Incapaz de existir n'um só terreno» como elle mesmo dizia, víra pelos seus olhos os climas, que percorreu Camões, e bebêra por igual taça o fel do infortunio, em grande parte preparado por culpa de ambos.

Agitada a infancia e a adolescencia; tendo á custa de maguas e de trabalhos juntado nos annos mais vigorosos cabedal precioso de experiencia e desenganos, ao dobrar o cabo das Tormentas passou o Lethes, e esqueceu tudo! Vel-o-hemos na virilidade o mesmo homem, cheio de paixões mordentes, ralado de inquietação febril, inimigo do repouso, e escravo dos applausos. Estava no seu destino!

L. A. REBELLO DA SILVA.

CHIMICA APPLICADA ÁS ARTES.

Sabão feito com acido olaico.

O COMPLEMENTO de uma fabrica de vélas, e o que offerece maior utilidade, é uma fabrica de sabão. É aqui o logar proprio para descrevermos o processo que deve ser empregado para converter o acido olaico em sabão duro: lança-se em uma caldeira de ferro 2178 arrateis de acido olaico; esta caldeira aquece-se a fogo nú, ou tambem por meio de uma serpentina de ferro partindo de um tubo gerador qualquer, e voltando ali outra vez, depois de se haver por muitas enrolado sobre si mesma, no fundo da caldeira. O vapor contido em um circulo continuo, communica uma parte do seu calor ás materias que a caldeira contém; e põe a sua temperatura em relação com a do gerador.

O acido olaico introduzido por este modo na caldeira, começa a aquecer-se, e a partir d'esta circumstancia verte-se sobre elle uma lexivia de soda a qual immediatamente opera a combinação. Junta-se a lexivia até que o acido se dissolva completamente.

Tanto que a massa se torna homogenea, e o sabão adquire o grao de causticidade necessario para os usos a que é destinado, está concluida a operação. Deixa-

se depois repousar o sabão em contacto com a sua lexivia, por espaço de vinte e quatro horas.

As lexivias que serviram para a primeira operação, empregam-se em dissolver novamente a soda, e servem para as operações seguintes; porém, se acontecer que ellas venham a estar por tal modo sobrecarregadas de materias impuras, convem então rejeital-as da fabricação, mas isto não deve verificar-se sem que haja a sufficiente certeza de que, em consequencia das successivas passagens pela caldeira ellas perdessem todo o alcali que continham.

Quando se tira o sabão da caldeira, deita-se em vasos de fôrma particular, ou em taboleiros de madeira, ou calhas alongadas. Logo que está totalmente frio tira-se e colloca-se de modo que as suas paredes lateraes recebam uma corrente d'ar. O sabão corta-se mais facilmente por meio de um fio de arame que prende ás extremidades de um arco de junco da India, ou de uma madeira flexivel qualquer.

218 arrateis d'acido olaico, produzem entre 316 a 327 arrateis de sabão de soda.

NOVA FABRICAÇÃO DA STEARINA POR MEIO DA DISTILLAÇÃO.

Apparelho dos corpos gordos — por mr. D. C. Knab.

Consiste o apparelho de mr. Knab, de uma tina ou cuba de ferro ou cobre contendo um banho de chumbo aquecido e derretido por meio de uma fornalha que lhe fica superiormente collocada. Sobre este banho está suspensa uma campanula, tambem de ferro ou cobre, na qual o chumbo derretido se possa elevar na altura d'algumas linhas acima do bordo da campanula. Em uma das extremidades, e na parte superior d'esta campanula, existe uma cavidade ou funil provido d'uma valvula fixa sobre um ponteiro vertical que levanta uma alavanca de contrapezo, e faz abaixar um fluctuador do globo, que descansa na superficie das materias gordurosas postas em fuzão. Esta disposição tem por fim, quando as materias se distillam, e que as sua altura ou camada diminue no interior da campanula, fazer com que o fluctuador desça ou abaixe, e por conseguinte, abra a cavidade ou funil para deixar por ali escapar uma porção.

Um tubo que parte de uma caldeira de vapor, immerge no banho de chumbo e faz evaporar tanto quanto é possivel este vapor, de toda a agua em que poderia achar-se. O tubo eleva-se então no interior da campanula, e vem estender-se á superficie do banho metalico; este tubo é furado com muitos buracos, a fim de que o vapor se possa espalhar nas materias gordurosas em fuzão. O vapor assim expellido, faz uma pressão que equivale a uma e meia atmosphaera, e a cuba está munida de um tubo de descarga que se eleva tambem no interior da campanula, exactamente ao nivel do banho de chumbo para evacuar os residuos da distillação. A extremidade da campanula, opposta á cavidade do funil, está provida de um tubo que cõa os vapores elevando as materias gordas a um recipiente intermedio, d'onde passam para um refrigerante, e vão deixando após de si as impurezas que porventura pudessem levar consigo, quando contidas dentro da campanula, as quaes se extrahem do tal recipiente intermediario por meio de duas torneiras, todas as vezes que a necessidade o exigir.

(Continúa.)

RECTIFICAÇÃO. — A pag. 101, col. 2.^a, lin. 9 do n.º 13 d'este volume, lêa-se *prioridade* em vez de *propriedade*.